



O discurso autoritário da masculinidade heteronormativa: uma análise dialógica de “The Day He Came”, do autor nigeriano Amatesiro Dore

The Authoritarian Discourse of Heteronormative Masculinity: a Dialogical Analysis of Nigerian Author Amatesiro Dore’s “The Day He Came”

Orison Marden Bandeira de Melo Júnior

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte / Brasil
orison.junior@ufrn.br

<http://orcid.org/0000-0002-7592-449X>

Resumo: Mesmo sendo conhecedores de que o mundo literário é uma refração a partir da posição axiológica do autor em relação ao conteúdo representado, é necessário reconhecer, como adverte Bakhtin, a intensa interação entre o mundo da arte e o mundo da vida. Nesse sentido, este artigo analisou o conto “The Day He Came”, com o fito de compreender o projeto estético do autor ao representar o discurso de autoridade da masculinidade heteronormativa, presente em sociedades patriarcais e, em especial, naquelas em que a homossexualidade é criminalizada, como é o caso da Nigéria, país de origem de Amatesiro Dore. A análise revelou que o autor representa um conflito entre homossexualidade e o discurso religioso patriarcal, acentuando que o discurso autoritário da masculinidade heteronormativa não só oprime pessoas que não seguem esse padrão ideológico, como cria uma hierarquia em que homossexuais afeminados são oprimidos por homossexuais masculinizados.

Palavras-chave: discurso autoritário; masculinidade heteronormativa; teoria dialógica do romance; The Day He Came; Amatesiro Dore..

Abstract: Even knowing that the literary world is a refraction based on the author’s axiological position in relation to the content he/she represents, we need to recognize, as Bakhtin warns us, the intense interaction between the world of art and the world of life. That said, this article analyzed the short story “The Day He Came”, aiming to understand the aesthetic project of the author as he represents the authoritarian discourse of heteronormative masculinity, present in patriarchal societies and, especially, in those where homosexuality is criminalized, as is the case of Nigeria, the home country of Amatesiro Dore. The analysis revealed that the author represents the conflict between

homosexuality and patriarchal religious discourse, highlighting that the authoritarian discourse of heteronormative masculinity not only oppresses people who do not follow its ideological patterns, but also creates a hierarchy in which effeminate homosexuals are oppressed by masculinized homosexuals.

Keywords: authoritarian discourse; heteronormative masculinity; dialogical theory of the novel; *The Day He Came*; Amatesiro Dore.

Introdução

A International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association (Ilga), que monitora a criminalização da homossexualidade ao redor do mundo, no seu relatório de dezembro de 2020, declara que 69 países membros das Nações Unidas criminalizam, de alguma forma, a homossexualidade: a criminalização inclui, a depender do país, a pena de morte, o encarceramento, o pagamento de multas, tratamentos psiquiátricos, entre outras formas de penalizações (ILGA, 2020). A reportagem “Homosexuality: The Countries Where it is Illegal to be Gay”, da *BBC News*, publicada em maio de 2021, utiliza os dados disponibilizados pela Ilga e explica que quase metade desses 69 países estão no continente africano (HOMOSEXUALITY: THE COUNTRIES..., 2021).

Para analisar a representação da masculinidade heteronormativa no conto “*The Day He Came*”, do autor Amatesiro Dore, nascido na Nigéria, um dos países que criminalizam a homossexualidade, é necessário compreender o papel estético e representativo da vida de textos prosaicos. O gênero romanesco é caracterizado por Bakhtin (2019a) como um gênero em constante formação, devido ao seu inacabamento. Contrastando com o gênero épico, normalmente voltado à lenda nacional em um passado heroico absoluto que o separa da atualidade por meio de uma distância épica absoluta, Bakhtin (2019a) confere ao romance o “*contato máximo com o presente (a atualidade) em sua inconclusibilidade*” (p. 75, grifo do autor). Diante disso, por estarem ligados diretamente ao presente, que é inconcluso, leitores, autor e o mundo por ele representado são colocados no mesmo plano axiológico-temporal, o que permite ao autor ter a liberdade para mover-se no mundo representado, assumindo qualquer postura autoral: “pode representar os momentos reais de sua vida ou fazer alusões a eles, pode intrometer-se na conversa das personagens, pode polemizar abertamente com seus inimigos literários etc.” (BAKHTIN, 2019a, p. 95).

Isso não significa que o mundo real e o mundo representado se fundam em um único universo, tendo em vista que o mundo representado não é apenas um reflexo da vida, como se fosse um espelho, mas refração, interpretação, posição axiológica do autor diante do mundo. Segundo Bakhtin (2018), o mundo que é representado (na arte) não pode ser confundido com o mundo que o representa (na vida) – ele chama essa confusão de realismo ingênuo. Ele acrescenta que o mundo representado, “por mais realista e verídico que seja, nunca pode ser cronotopicamente identificado com o mundo real que representa” (BAKHTIN, 2018, p. 234). Entretanto, para o autor, apesar da impossibilidade de fusão entre esses mundos, eles estão conectados entre si em uma constante interação, proporcionando um enriquecimento mútuo, pois

[a] obra e o mundo real nela representado entram no mundo real e o enriquecem, e o mundo real entra na obra e no mundo representado tanto no processo de sua criação como no processo de sua vida subsequente, numa renovação permanente pela recepção criadora [...]. (BAKHTIN, 2018, p. 231)

O autor, em seu ato de criação, se move, dessa forma, nas fronteiras (que são sempre axiológicas) entre o mundo estético e o mundo da realidade (BAKHTIN, 2003). A partir do seu posicionamento ideológico a respeito do objeto estético, ele mobiliza o mundo criado – com narradores, personagens, discursos – e organiza artisticamente o heterodiscurso social da vida (BAKHTIN, 2015). Nessa organização, ele guia a personagem e sua orientação axiológica e cognitiva no mundo, ou seja, não apenas aquilo que a personagem conhece, mas os valores que a preenchem. Vale lembrar que, nessa relação autor-personagem, o autor é aquele que não só conhece e enxerga o que as personagens sozinhas ou em conjunto enxergam e conhecem, como, no seu excedente de visão, conhece e enxerga o que é inacessível a elas como seres criados (BAKHTIN, 2003). Ademais, ao criá-las, ele as torna seres essencialmente sociais, cujo discurso, por mais “individual” que seja – é o discurso da personagem! –, é sempre social. É por essa razão que “as peculiaridades da palavra do herói sempre aspiram a certa significação social, a certa difusão social; são linguagens potenciais” (BAKHTIN, 2015, p. 124). Por serem linguagens sociais, são penetradas de

valores sócio-históricos, ou seja, são ideologicamente preenchidas, sendo, dessa forma, cosmovisão.

Nesse sentido, Bakhtin (2015) define o romance como um fenômeno pluriestilístico, heterodiscursivo e heterovocal. Por estar diretamente relacionado ao presente inacabado, ele acolhe, em sua obra, o heterodiscurso da vida; esse acolhimento não reduz as potencialidades dos discursos e até contribui para que eles sejam aprofundados. O prosador, diante disso, não higieniza os discursos, depurando-os dos valores sócio-históricos que os penetram: “não mata os embriões de heterodiscurso social que aí se encontram” (BAKHTIN, 2015, p. 75). Isso contribui para que o romance heterodiscursivo seja constituído por diferentes estilos, vozes e concepções axiológicas de mundo inseparáveis da linguagem (BAKHTIN, 2019b).

Vale destacar que a discussão de Bakhtin sobre o romance também serve de base para analisar o conto, que, a despeito de suas especificidades em relação ao romance, é um gênero prosaico com características que o aproximam do romance. “The Day He Came” (DORE, 2017), corpus sob análise neste trabalho, é um conto que faz parte da coletânea *Queer Africa 2: New Stories*, editada por Makhosazana Xaba e Karen Martin. A coletânea traz 25 contos e um excerto de uma novela, cujos/as autores/as são de seis diferentes países de África: África do Sul (nove contos), Quênia (sete contos), Nigéria (seis contos e um excerto de novela), Uganda (dois contos) e Serra Leoa (um conto). Destaco o fato de que, entre as dezesseis escritoras mulheres, há uma mulher trans da Nigéria, que contribui com o conto “Pyrrhic Victory”. Entre os escritores homens, três são nigerianos, o que inclui Amatesiro Dore, escritor residente da Wole Soyinka Foundation, em 2019, que recebeu, em 2016, os prêmios Reimagined Folktale Contest e Saraba Manuscript (*Nonfiction*).

Reconhecendo que, dos países em que os autores da coletânea nasceram, apenas na África do Sul a homossexualidade não é criminalizada, busco, neste artigo, analisar como se dá a representação da homossexualidade em um dos contos da coletânea, selecionado, em primeiro lugar, pela origem de seu autor, ou seja, a Nigéria, um desses países que criminalizam a homossexualidade. Em segundo lugar, busquei um conto em que fossem criadas personagens que representassem uma luta entre discursos, sendo o discurso opressor o discurso autoritário da religião, a fim de buscar entender o papel da religião cristã conservadora atribuído pelo autor no conto para

o estabelecimento dos conflitos vividos pelas personagens no mundo da arte – conflitos esses que pedem significação no mundo da vida.

Diante disso, para alcançar o objetivo proposto neste trabalho, ou seja, o de analisar como se dá a representação do discurso autoritário da masculinidade heteronormativa no conto “The Day He Came”, de Amatesiro Dore, este artigo está dividido em três seções, além desta introdução. Na segunda seção, discutirei, com base na teoria dialógica do romance de Bakhtin, o que são discursos autoritários e como eles se configuram no desenvolvimento ideológico dos indivíduos (e suas representações na literatura); na terceira seção, analisarei o conto “The Day He Came”, enfatizando a primeira seção do conto, que trata mais diretamente do conflito da personagem com o discurso autoritário da religião conservadora; por fim, apresentarei algumas considerações finais sobre este trabalho analítico.

O discurso autoritário como categoria de análise do texto literário

A discussão de Bakhtin sobre o discurso autoritário no romance se dá no ensaio “O discurso no romance” (2015), escrito entre 1934 e 1935, mas com reflexões bastante pertinentes não só para o seu tempo de produção, mas também para as teorias do romance mais contemporâneas. Nesse ensaio, mais especificamente no quarto capítulo, Bakhtin pondera sobre a personagem, ou seja, aquela que é portadora de uma voz – um ser falante que se posiciona axiologicamente sobre o conteúdo da própria obra – e, conseqüentemente, da vida. Os valores sócio-históricos que preenchem esse ser criado (sem deixar de ter a sua caracterização como um ser social) podem ser reconhecidos não só pela sua fala, mas também por suas ações, tendo em vista que a ação “do herói romanesco sempre é ideologicamente destacada; ele vive e age em seu próprio universo ideológico [...], tem sua própria apreensão do mundo [...], que se materializa na ação e na palavra” (BAKHTIN, 2015, p. 127).

Para a compreensão do discurso que representa e que é também representado na obra prosaica, Bakhtin (2015) reflete sobre a relação do discurso da personagem com o discurso do outro e como esse discurso é representado na literatura. Para ele, “em todos os cantos da vida e da criação ideológica nosso discurso está repleto de palavras alheias, transmitidas com todos os diversos graus de precisão e imparcialidade” (BAKHTIN, 2015, p. 130). Diante desse fato, o autor russo passa a discutir como se

dá a assimilação do discurso do outro no processo de formação ou de desenvolvimento ideológico do homem, que está em constante vir a ser. Nesse processo, não são somente os processos de transmissão de discursos que se tornam objeto da discussão, mas também aqueles de assimilação, em que o discurso do outro busca determinar como os seres humanos se relacionam ideologicamente com o mundo (na arte e na vida).

Dentre os discursos assimilados pelo falante no romance e orquestrados pelo autor no processo de criação literária (e que nos interessa neste breve texto), encontra-se o discurso autoritário. Este, ao lado do discurso interiormente persuasivo, é aquele que, ao ser assimilado, entra em embate (conflito) com os discursos que já fazem parte do desenvolvimento ideológico do indivíduo, o que inclui a sua representação, a personagem, esse ser social criado. De fato, para o autor russo, o conflito entre essas categorias de discurso ideológico determina a consciência subjetiva (ideológica) do indivíduo. O discurso interiormente persuasivo, como explica Bakhtin (2015), é aquele que é assimilado de forma plástica e criativa, permitindo não só um jogo discursivo entre a minha palavra e a palavra do outro, como também diferentes acentos ou tons avaliativos, levando à constatação de que o discurso do outro, no processo de assimilação, se entrelaça à palavra do falante/da personagem, tornando-se metade sua, metade do outro. Ademais, ele promove o “pensamento independente e uma nova palavra independente, em que ele organiza de dentro massas de nossas palavras e não fica em estado isolado e imóvel” (BAKHTIN, 2015, p. 140), o que permite a ele se adequar, de forma criativa, a novos materiais e novos contextos, estando, dessa forma, semanticamente inconcluso e aberto: cada contexto permite que ele revele novas possibilidades semânticas e ideológicas.

O discurso autoritário, por sua vez, é aquele discurso compacto que não se submete a um jogo criativo com outros discursos. Como explica Bakhtin (2015), discursos podem interpretar o discurso autoritário, elogiá-lo, aplicá-lo, mas não se fundem a ele de forma plástica. Diante disso, ele não permite uma assimilação livre com o discurso do falante (na vida e na arte), “nenhum jogo com um contexto que o moldura, jogo com os seus limites, nenhuma transição vacilante, variações estilizantes livremente criadoras” (BAKHTIN, 2015, p. 137-138). Como uma massa compacta, inerte e indivisível, ele é integralmente confirmado ou refutado; exemplos desse discurso são os discursos religioso, político, moral, legal etc.

O título deste ensaio traz o conceito “discurso autoritário” relacionado à masculinidade heterossexual como a “norma” pautada por discursos heteronormativos (o discurso autoritário da masculinidade heteronormativa). Segundo Balogun e Bissel (2018), o homem heterossexual é a forma dominante de masculinidade. Para eles, na Nigéria, país natal de Amatesiro Dore, autor do conto “The Day He Came”, sob análise neste texto, a masculinidade hegemônica é patriarcal e heterossexual; dessa forma, na sociedade nigeriana, expectativas de assimilação desse discurso autoritário, que se encontra nas esferas cultural, religiosa, política e legal, passam a moldar as vidas de indivíduos no que tange à forma como eles expressam suas masculinidades e sexualidades.

Ratele (2011), que discute sexualidades e masculinidades africanas de forma mais genérica, declara que homens que amam outros homens tornam-se alvos de homofobia devido ao fato de que o alicerce do poder patriarcal heterossexual é “sacudido”, engendrando, dessa forma, uma crise sobre o conceito de masculinidade e demonstrando que os homens não são um grupo homogêneo no que diz respeito a suas sexualidades. Para o autor, o poder do patriarcado exige que homens e mulheres aquiesçam ao seu sistema ideológico, negando qualquer forma de sexualidade que não seja a heterossexual. Dessa forma, a constatação de que não há uma forma única de subjetividade masculina gera uma crise na ideologia dominante patriarcal da masculinidade heteronormativa.

Segundo Wilcox (2003), que discorre sobre a relação entre sexualidades e religião, o discurso autoritário da masculinidade heteronormativa parte da crença de que a homossexualidade é um comportamento (“opção”), enquanto a heterossexualidade é a “norma”, o que significa dizer que, de acordo com esse discurso, todas as pessoas são heterossexuais por natureza; nesse sentido, pessoas LGBTQIA+ são aquelas que se “desviaram” dessa verdade, a verdade patriarcal heteronormativa. Como esse discurso autoritário é sustentado por discursos religiosos conservadores (também autoritários), para Balogun e Bissel (2018), a homossexualidade, portanto, passa a ser vista como pecaminosa, imoral, o que leva à estigmatização e à discriminação de masculinidades que não sejam a heterossexual. DeRogatis (2003) corrobora esse pensamento, afirmando que denominações protestantes conservadoras insistem na tese de que a homossexualidade é uma escolha – e não subjetividade/identidade –, um estilo de vida que precisa ser alterado;

dessa forma, o indivíduo homossexual está sujeito à censura por parte da igreja. Diante disso, grupos protestantes conservadores buscam a submissão de pessoas homossexuais ao seu entendimento de uma masculinidade heteronormativa, baseado em textos retirados da bíblia, esvaídos de seus contextos de produção, como um mantra contra qualquer corpo homossexual (ou qualquer outra subjetividade dentro da esfera LGBTQIA+) que não se adeque à heterossexualidade normativa.

Ainda seguindo as marcas do discurso autoritário, agora no campo legal, vale acentuar que, no capítulo 21, artigo 214 do *Criminal Code Act* (NIGERIA, 1990) da Nigéria, qualquer pessoa que tenha uma relação carnal “contra a natureza” (*against the order of nature*) ou que permita que uma pessoa do mesmo sexo tenha uma relação carnal com ela recebe uma pena de catorze anos de prisão. O artigo 215 declara que, se uma pessoa tentar ter uma relação carnal conforme o artigo 214, ela pode sofrer uma pena de sete anos de prisão. O artigo 217, sob o título “Práticas Indecentes entre Homens” (*Indecent practices between males*), determina a prisão de três anos para qualquer homem que cometa ou tente cometer atos de “indecência flagrante” (*gross indecency*) com outro homem, quer de forma pública ou privada.

Mais recentemente, em 2013, o decreto chamado *Same Sex Marriage (Prohibition) Act* (NIGERIA, 2013), que proíbe o casamento ou a união civil de pessoas do mesmo sexo, também traz penalidades para essas “ofensas”. Segundo o decreto, somente o casamento entre um homem e uma mulher é reconhecido na Nigéria. Dessa forma, nenhuma certidão de casamento entre pessoas do mesmo sexo é válida no país. Vale ressaltar que a “união civil” mencionada no decreto se refere a qualquer relacionamento entre dois/duas parceiros/as do mesmo sexo, quer seja um relacionamento estável ou não. O decreto valida e corrobora o *Criminal Code Act* de 1990, penalizando casais do mesmo sexo com catorze anos de prisão. Além dessa proibição, também estão proibidos clubes e organizações LGBTQIA+, sob pena de dez anos de prisão para quem fizer o registro, operar ou deles participar. Sofrem a mesma sentença aqueles/as que fizerem, de forma direta ou indireta, qualquer demonstração de relacionamento amoroso entre pessoas do mesmo sexo.¹

O discurso autoritário, portanto, é aquele que, ligado a uma autoridade externa, como explica Bezerra (2015), “exige da nossa parte

¹ O site *Map of Countries that Criminalise LGBT People* apresenta os diferentes países em que a homossexualidade é criminalizada no mundo. Disponível em: <https://www.humandignitytrust.org/lgbt-the-law/map-of-criminalisation>. Acesso em: 14 mar. 2022.

um reconhecimento incondicional, até reverente, e nunca uma assimilação livremente criadora formulada em nosso próprio discurso, com nossa marca característica” (p. 244). Dessa forma, qualquer discurso ou comportamento contrário à masculinidade heteronormativa torna-se, para a religião cristã conservadora (no caso do conto “The Day He Came”, protestante), um pecado, com punição no chamado “inferno” por toda a eternidade e, na lei nigeriana, um ato contra a natureza, uma indecência flagrante, com penas que variam entre três e catorze anos de prisão, a depender do “crime”. É necessário evidenciar que a palavra “carnal”, que rotula os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo nos discursos religioso e legal, reforça o discurso da “opção sexual”, contrária à natureza, e se opõe ao discurso das diferentes subjetividades e corpos que não se adéquam ao padrão da masculinidade heteronormativa. Com base, então, nessa discussão, passarei à análise do discurso autoritário no conto “The Day He Came” (DORE, 2017).

O discurso autoritário em “The Day He Came”

“The Day He Came” é um conto que narra a história da personagem Larry, chamado de Laura pelo colega de universidade e companheiro de quarto, Michael. Apesar do *bullying* que sofre, Larry, filho de um juiz rico nigeriano, é apaixonado por Michael; esse, por sua vez, tem um relacionamento com Peter, cujos pais são extremamente religiosos: o pai é um pastor (protestante) bem-sucedido financeiramente e a mãe, uma musicista gospel famosa. Larry não se conforma com esse relacionamento entre Peter e Michael, já que ele deu apoio a Michael de diversas maneiras, como deixá-lo dirigir seu carro, pois, na universidade, ter um carro determinava a sua visibilidade entre os/as colegas de classe; além disso, Larry era aquele que lhe dava um quarto para ficar e comida que ele não podia comprar. A rejeição sofrida por Larry levou-o a tomar uma atitude com a qual o enredo do conto finaliza: certa manhã ele vai à casa de Peter e diz aos seus pais que a filha deles (ele se referia a Peter) devia ficar longe de seu homem (Michael).

Claramente se percebe, então, que o conto representa um conflito entre três jovens universitários que fazem o curso de Direito – Peter no primeiro ano, e Michael e Larry no terceiro – e desenvolvem relações amorosas consideradas “não naturais”, “desviadas” do padrão, segundo o discurso autoritário religioso – representado pelos pais de Peter – e

legal – representado pelo pai de Larry. O conflito no enredo, que, segundo Bakhtin (2015), serve para representar não só os falantes, mas os universos ideológicos em que eles estão inseridos, organizando e revelando linguagens sociais e ideologias, toma forma na própria estrutura do conto, que é dividido em três seções (não numeradas) demarcadas pela pessoa do discurso: a primeira seção, na primeira pessoa do singular (*I* – Peter); a segunda seção, na segunda pessoa do singular [*you* – ou Larry, em fluxo de consciência, rememorando a sua relação com Michael, ou o autor/narrador, intrometendo-se (BAKHTIN, 2019a) e falando diretamente com Larry para compartilhar com o leitor o seu excedente de visão], e a terceira seção, na terceira pessoa do singular, um narrador onisciente que finaliza o conto. Por questões de espaço do texto e foco analítico, essa discussão se debruçará sobre a primeira seção do conto, buscando evidenciar os discursos de Peter narrador tanto no que se refere à relação entre a sua homossexualidade e a sua religião quanto à relação entre ele, enquanto um homossexual masculinizado, e Larry, a personagem afeminada do conto.

Como a questão do discurso legal relacionada à união entre pessoas do mesmo sexo na Nigéria é o pano de fundo em que se desenrola o contexto do conto, mas sem marcas materiais no texto – exceto o fato de os três personagens fazerem curso de direito e de o pai de Larry ser juiz –, gostaria de pontuar o conflito que se desenvolve na consciência subjetiva da personagem Peter em relação ao discurso religioso protestante conservador. Bakhtin (2015) esclarece que a formação ideológica de um indivíduo é uma tensa luta “pelo domínio de diferentes pontos de vista, enfoques, tendências e avaliações verboideológicas” (p. 140). Como exemplo dessa luta, gostaria de singularizar o evento da relação sexual (“encontro carnal”) entre Peter e Michael, que acontece na primeira seção do conto. Nesse encontro, o leitor passa a saber que Peter é apaixonado por Michael – em suas palavras, “Eu estava apaixonado por Deus e cumpri o meu voto até Michael conquistar a minha alma”² (DORE, 2017, p. 47, tradução nossa). Percebe-se, nessa citação, o uso que o autor faz da expressão “estava apaixonado” (*was in love*), colocando a sua relação com Deus no mesmo patamar de um amor romântico com outra pessoa. No entanto, o autor escolhe a palavra “alma” (*soul*), muito relacionada a questões espirituais, religiosas, para mostrar o

² No original: “I was in love with God and I kept my vow up until Michael won my soul”.

nível de profundidade da conquista feita por Michael – ele conquistou a sua alma. Dessa forma, o conflito de fazer um voto (*vow*) a Deus e de quebrá-lo por causa de Michael é percebido na escolha lexical feita pelo autor ao usar a expressão “apaixonar-se” (*am in love*) para a divindade e a palavra ligada a alma (*soul*) para Michael, e não o contrário. Ademais, a conquista da sua alma contrapõe-se ao discurso que define a relação entre pessoas do mesmo sexo como puramente “carnal”, demonstrando uma forma de subjetividade/identidade masculina diferente da preconizada pela heteronormatividade (RATELE, 2011).

Como já foi pontuado em Bakhtin (2015), não há como fundir o mundo representado com o mundo que o representa, sendo a relação entre eles a de interação, de diálogo ininterrupto, mediado pela linguagem em sua constituição semiótico-ideológica. Nessa esteira, a forma de uma obra literária, que dá forma a essa linguagem, passa a ter um papel de importância porque, diferentemente dos formalistas russos, Bakhtin (2002) a percebe como o que também dá forma ao conteúdo: “assim, a forma é a expressão da relação axiológica ativa do autor-criador e do indivíduo que percebe (cocriador da obra) com o conteúdo” (p. 59).

Diante disso, para representar o conflito entre sexualidade e religião (conteúdo), Dore (2017) utiliza-se de determinado material relacionado ao conteúdo, dando, por meio das escolhas lexicais e da estrutura utilizada, a forma que representa o conflito. Por exemplo, no enredo, após a relação sexual entre Peter e Michael, o autor faz que Peter narrador, em um só parágrafo, utilize-se de orações subsequentes que mostram seu arrependimento pelo “pecado” cometido e sua imediata determinação em cometê-lo novamente: “Imaginei as trombetas anunciando o retorno de Cristo, e isso me levou a ficar de joelhos atrás do carro [...] Eu estava arrependido, mas queria fazê-lo de novo. De fato, queria ficar com Michael até a vinda do reino”³ (DORE, 2017, p. 49, tradução nossa). Como é possível perceber nessas citações, há um elemento do discurso religioso protestante que serve de arma de autoridade contra o cometimento de “pecados”, a saber, o retorno do Cristo para resgatar os convertidos. No primeiro livro do Novo Testamento, o *Evangelho de Mateus*, encontra-se a narrativa do autor sobre as palavras do Cristo em relação a esse retorno: “Então

³ No original: “I imagined the trumpets announcing the return of Christ and it brought me to my knees behind the car [...] I was sorry but I wanted to do it again.

aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem [...]. E ele enviará seus anjos *com a grande trombeta, e, dos quatro ventos, de uma extremidade dos céus à outra*, eles reunirão seus eleitos” (MATEUS, 1994, p. 1906, grifo do autor). Dore (2017) coloca na boca de Peter, então, o discurso encontrado na bíblia, o livro sagrado do protestantismo⁴, palavras que, discursivamente, remetem à narrativa de Mateus: trombetas (*trumpets*) que anunciam a vinda do Cristo (*announcing the return of Christ*), que aparecerá no céu, numa segunda vinda, para reunir os seus eleitos. Obviamente, o “pecado carnal” da sua homossexualidade, rejeitado pelo discurso autoritário da religião protestante heteronormativa que declara ser o seu “desvio” um impedimento para que Peter estivesse entre os eleitos, faz que ele caia de joelhos, num sinal de arrependimento (*it brought me to my knees*). Como exemplo da rejeição da homossexualidade pela religião protestante no mundo da vida, lê-se a declaração feita por Henry Ndukuba, arcebispo da Igreja da Nigéria (Comunhão Anglicana), em uma notícia publicada no jornal nigeriano *The Nation*, em 28 de fevereiro de 2021: “A Igreja da Nigéria afirma sua total rejeição à homossexualidade e certamente se posicionará para defender a verdade do evangelho com base nas injunções e princípios éticos da Bíblia Sagrada”⁵ (HOMOSEXUALITY..., 2021, tradução nossa).

O discurso autoritário, como já foi discutido, não permite um jogo criativo com o discurso da personagem (BAKHTIN, 2015). Peter, portanto, não pode ajustá-lo às suas necessidades, tendo em vista que o discurso do retorno do Cristo para buscar os seus eleitos não pode ser modificado em si; pode-se parodiá-lo, reverenciá-lo, rejeitá-lo em sua totalidade, como uma massa compacta. O conflito, portanto, toma forma quando o autor coloca, no mesmo parágrafo, falas tão díspares na boca de Peter: o mesmo personagem que se ajoelha, reverenciando o discurso da religião protestante conservadora da masculinidade heteronormativa, é aquele que, imediatamente, recusa

⁴ A bíblia (termo grego – *βιβλία*, plural de *βιβλίον* – traduzido livremente ao português como “livros”) é o livro considerado sagrado do cristianismo em geral, apesar das suas diferentes configurações, encontradas nas diferentes denominações cristãs, como as igrejas Católica, Protestante, Anglicana, Luterana, Ortodoxa etc.

⁵ No original: “The Church of Nigeria affirms its total rejection of homosexuality, and will surely stand to defend the truth of the gospel based on the injunctions and ethical principles of the Holy Bible”.

esse discurso, afirmando que ficará com Michael até a vinda do reino (*till the kingdom come*), ou seja, até o retorno (*return*) do Cristo.

Esse jogo evidenciado pela forma (orações subsequentes em oposição) enforma o conteúdo do conflito entre sexualidade e religião, que, representado na obra estética, pede significação social na vida (BAKHTIN, 2015), estabelecendo um diálogo axiológico com os conflitos vividos por pessoas da comunidade LGBTQIA+ no mundo da vida. Balogun e Bissel (2018), em seu estudo feito com 21 nigerianos (treze da cidade de Abuja e oito de Lagos), trazem o relato de um participante que descreve viver em constante batalha entre a sua orientação homossexual e as suas crenças religiosas, que defendem a “iniquidade” da sua masculinidade não heteronormativa. Para o participante, para suprimir a sua subjetividade e os sentimentos que sentia em relação a pessoas do mesmo sexo, ele orava, jejuava e observava diferentes rituais religiosos para permanecer fiel a essas crenças – apesar de ele reconhecer que as práticas religiosas não produziram o resultado almejado. Percebe-se, portanto, que a representação desse conflito é abraçada no conto, sem higienizá-lo (BAKHTIN, 2015), levando o leitor, como cocriador da obra, a renová-lo por meio desse enriquecimento mútuo (BAKHTIN, 2018).

Ainda nesse contexto do discurso autoritário da masculinidade heteronormativa, destaco alguns estudos que abordam esse tema por diferentes vieses teóricos por meio dos quais os articulistas discutem a *ideologia da masculinidade hegemônica* (TAYWADITEP, 2002), a *lógica hegemônica heteronormativa* (NASCIMENTO, 2012) ou a *masculinidade hegemônica* (RAMOS; CERQUEIRA-SANTOS, 2020). É possível perceber, nesses três estudos, a preocupação em discorrer sobre a ideologia dominante da heteronormatividade que divide o mundo entre homens e mulheres, apoiando-se em uma hierarquia que “reproduz o imaginário patriarcal de que os homens sejam superiores às mulheres, que o masculino é superior ao feminino, que o masculinizado é superior ao afeminado” (NASCIMENTO, 2012, p. 26). Ramos e Cerqueira-Santos (2020) corroboram essa ideia, declarando que, nesse modelo hierárquico, “acima, ficam os machos, categoria ampla que abriga os homens heterossexuais e os gays ativos, ou seja, que não se aproximam do feminino, da subordinação e da afeminação, por consequente” (p. 162).

No conto, Peter, ao ser chamado de belo (*pretty*) por Michael, revela o seu pensamento: “Eu odiava ser rotulado de ‘belo’. Soava afeminado”⁶ (DORE, 2017, p. 48, tradução nossa). Percebe-se que o autor, ao escolher o verbo rotular (*label*), revela o fato de que a personagem reverbera o discurso da hierarquia da ideologia dominante da heteronormatividade, buscando estar desconectado – ele odiava essa rotulação (*hated being labelled*) – de qualquer possibilidade de ser tachado de afeminado (*effeminate*). Ramos e Cerqueira-Santos (2020) definem o adjetivo afeminado como aquele “dado aos sujeitos que aparentam ou comportam-se de forma a transmitir ‘feminilidade’ para além do que é convencionalmente concebido em um contexto cultural. A afeminação seria uma fuga dos ideais de masculinidade” (p. 167). Ao ser questionado sobre o porquê de ter ficado chateado por ser chamado de belo, Peter responde a Michael: “Em me oponho a e fico ofendido com qualquer tentativa de ad-rogar a minha masculinidade e circunscrever a minha sexualidade”⁷ (DORE, 2017, p. 49, tradução nossa). Peter, no mundo da arte, corrobora o discurso da masculinidade hegemônica no mundo da vida, ao não somente se opor a (*object to*), mas ficar ofendido (*take offense*) com qualquer possibilidade de que a sua masculinidade fosse ab-rogada, abolida, invalidada (*abrogate*). Percebe-se que o autor coloca na boca de Peter um verbo bastante usado na linguagem jurídica (ab-rogar uma lei, um decreto), como uma forma de colocar, no mesmo plano axiológico-legal, a sua rotulação como efeminado e a ab-rogação da sua masculinidade.

Essa hierarquia decorrente da masculinidade hegemônica que faz que Peter não aceite qualquer relação entre a sua homossexualidade e a afeminação também é percebida no conto a partir da forma como Peter se refere a Larry: “As suas gesticulações afeminadas e seu andar rebolado me deixavam nauseado”⁸ (DORE, 2017, p. 50, tradução nossa). O autor usa o adjetivo afeminado (*effeminate*) para se referir às gesticulações (*gesticulations*) e ao andar rebolado (*wriggling*) de Larry a partir do olhar de Peter, já que esse enunciado faz parte do pensamento do Peter narrador. Esses traços que Peter apresenta sobre Larry, que o fazem se sentir nauseado (*squeamish*), são aqueles que demarcam os níveis hierárquicos

⁶ No original: “I hated being labelled ‘pretty’. It sounded effeminate”.

⁷ No original: “I object to and take offense at every attempt to abrogate my manhood and circumscribe my sexuality”.

⁸ No original: “His effeminate gesticulations and wriggling made me squeamish”.

dessa ideologia heteronormativa por meio da qual Peter se sente superior a Larry, buscando afastar-se dele a qualquer custo, pois “aproximar-se do afeminado é expor-se à possibilidade de confundir-se com tal e assim perder patentes de masculinidade” (RAMOS; CERQUEIRA-SANTOS, 2020, p. 167). Segundo Taywaditep (2002), a antiafeminação – e o preconceito dela decorrente – pode ser, em alguns homens gays, o resultado da adoção da ideologia da masculinidade hegemônica, que preenche o discurso autoritário da masculinidade heteronormativa, levando a um “processo de legitimação de um modelo de homossexualidade largamente atravessado pela heteronormatividade e seus padrões”. (RAMOS; CERQUEIRA-SANTOS, 2020, p. 164) É nesse sentido que Peter declara: “Larry era uma aberração aos meus valores familiares”⁹ (DORE, 2017, p. 50, tradução nossa). As escolhas lexicais são axiologicamente significativas – “aberração” (*aberration*) e “valores familiares” (*family values*). Aberração (quer no inglês ou no português) refere-se a um “desvio [...] do comportamento considerado padrão” (ABERRAÇÃO..., 2010, p. 29). Ideologicamente, essa palavra está saturada, no conto, por padrões e valores da masculinidade hierarquizada – em que os gays masculinizados se sentem superiores aos gays afeminados (NASCIMENTO, 2012) –, e em direta relação com os valores da família heterossexual protestante que se declara, dentro dessa lógica hegemônica heteronormativa, superior a qualquer outra configuração familiar.

Como visto, o autor não foge do conteúdo do conflito, que perpassa todo o conto. Mesmo com esse posicionamento axiológico diante da afeminação e da batalha travada entre a sua homossexualidade e o discurso autoritário da sua religião, Peter reconhece que “o verme da insegurança masculina rasgou as minhas veias e depositou ovos de homofobia em meu sangue”¹⁰ (DORE, 2017, p. 50, tradução nossa). O autor cria a imagem de um verme (*worm*) que entra no vaso sanguíneo de uma pessoa de forma violenta (*clawed* – rasgou) e deposita ovos no seu sangue. O verme é a insegurança de Peter em relação à sua masculinidade (*masculine insecurity*), e os ovos do verme são a sua própria homofobia (*homophobia*) internalizada, que permite a ele, mesmo sendo homossexual – o que já é uma “aberração” aos padrões de uma sociedade heteronormativa que o considera uma violação

⁹ No original: “Larry was an aberration of my family values”.

¹⁰ No original: “the worm of masculine insecurity clawed though my veins and laid eggs of homophobia in my blood”.

do poder heterossexual patriarcal (RATELE, 2011) –, ser homofóbico em relação a outro homossexual devido à sua afeminação. Essa homofobia internalizada, para Tin (2008), é o resultado, nessa luta entre discursos, da dominação do discurso autoritário da heteronormatividade que leva indivíduos homossexuais a buscarem provar a sua “normalidade”; para tal, distanciam-se ou perseguem aqueles que consideram homossexuais – no caso da personagem Peter, homossexuais afeminados.

É possível perceber, portanto, a genialidade do autor ao trazer o conflito travado pelas personagens do conto em diferentes níveis: por um lado, Peter entra em conflito em relação à sua religião, que repudia relações que não se adéquem ao padrão heterossexual, mas, por outro lado e ao mesmo tempo, usa os padrões da heteronormatividade que o oprimem para rejeitar Larry, a personagem cuja afeminação lhe causa náuseas. Esses conflitos, preenchidos pela ideologia da masculinidade hegemônica, não ficam apenas no campo do conteúdo, tendo em vista que a estrutura do conto, as palavras e orações escolhidas pelo autor dão forma ao conteúdo por meio de um material (a linguagem) que é, antes de tudo, cosmovisão (BAKHTIN, 2015). O trabalho estético do autor, portanto, ao trazer três diferentes narradores e, conseqüentemente, três diferentes vozes, permite o olhar do leitor com base na visão de Peter (como se fosse uma câmera), mas também desvela o excedente de visão do autor sobre aquilo que a própria personagem narradora não conseguiria saber devido à sua incapacidade de, como personagem, conhecer para além dos limites que a sua vida criada lhe permite (BAKHTIN, 2003).

Considerações finais

Para finalizar este trabalho, gostaria de voltar à ideia primeira deste texto, ou seja, ao fato de que o romance (e inclui o conto) não está relacionado a um passado absoluto, concluso, mas a um presente inacabado (BAKHTIN, 2019a), em constante mutação. O conto, analisado sob esse pressuposto, revelou-se como uma arena de discursos, vozes, estilos, em que personagens, como seres sociais criados, não são apenas pessoas de papel, mas ideólogos (BAKHTIN, 2015), cujas falas, preenchidas ideologicamente, trazem o embate entre discursos autoritários e interiormente persuasivos que costuma “determinar a história da consciência ideológica individual” (BAKHTIN, 2015, p. 136). Como a formação ideológica de um indivíduo

é marcada por essa luta pelo domínio de pontos de vista e avaliações axiológicas, percebe-se que a construção da personagem Peter, conforme o projeto estético do autor, se dá a partir do domínio do discurso autoritário da masculinidade heteronormativa, corroborado pelo discurso religioso protestante conservador, que produz tanto uma constante tensão entre a sua orientação sexual e o padrão de masculinidade heteronormativa determinado pela sua religião como também uma homofobia internalizada que reforça o discurso da hierarquia da ideologia dominante da heteronormatividade, levando Peter a reverberar o discurso de que gays masculinizados são superiores a gays afeminados.

Wall (2019), ao sistematizar conceitos sobre a visão bakhtiniana de personagem, declara que ela é uma fonte de voz no texto, portadora do discurso social e, como tal, é “ao mesmo tempo um ponto de convergência e um ponto de emanção para vozes sociais no texto” (p. 11). Essas vozes são ouvidas pelos leitores do conto “The Day He Came” (DORE, 2017), que atualizam o seu sentido no espaço-tempo da leitura, levando-os, enquanto contempladores, a perceber a maestria artística do autor ao criar tanto um mundo ficcional que refrata discursos da heteronormatividade assimilados por vários grupos sociais na vida como os embates das personagens que, mesmo não se submetendo ao discurso de autoridade da masculinidade heteronormativa, são afetados por ele. Além disso, o leitor enxerga que a forma escolhida pelo autor do conto não é somente para enformar a linguagem escolhida, mas para dar forma ao conteúdo do conflito refratado na obra. Diante disso, palavras, ou seja, signos ideológicos, como explica Volóchinov (2017), não só formam parte da estrutura de orações e parágrafos na ordem escolhida pelo autor, mas pedem significação social (BAKHTIN, 2015), reverberando discursos e posições axiológicas de seus usuários. Portanto, a reapreciação do texto no contexto do leitor leva-o a dar novos sentidos aos discursos representados, buscando estabelecer uma interação entre o mundo da arte e o mundo da vida (BAKHTIN, 2018). No caso do contexto brasileiro, por mais que a homossexualidade não seja criminalizada, o país registra um alto índice de mortes por LGBTQIA+fobia, sendo “inegável o rastro de sangue LGBTI+ derramado em território nacional, a ponto de o país aparecer na liderança de tais crimes no mundo” (GASTALDI *et al.*, 2021, p. 26). Bezerra (2015) explica que a “arte da ficção permite apurar nossa percepção do real”; no caso de “The Day He Came”, a percepção do

discurso autoritário da masculinidade heteronormativa representada no conto leva todos nós leitores a responder a esse discurso na vida – quer na Nigéria ou no Brasil –, rejeitando-o, criticando-o e desvelando a sua nocividade não só à comunidade LGBTQIA+, mas à sociedade como um todo.

Referências

ABERRAÇÃO. In: GRANDE dicionário Sacconi. São Paulo: Nova Geração, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 3-192.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015. p. 19-241.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernardini *et al.* São Paulo: Hucitec: Annablume, 2002. p. 13-70.

BAKHTIN, Mikhail. O romance como gênero literário. In: BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance III: o romance como gênero literário*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2019a. p. 65-111.

BAKHTIN, Mikhail. Sobre a pré-história do discurso romanesco. In: BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance III: o romance como gênero literário*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2019b. p. 11-63.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2018.

BALOGUN, Abisola; BISSEL, Paul. Practices of Non-Heterosexual Masculinities Among MSM in Nigeria. In: MATEBENI, Zethu; MONRO, Surya; REDDY, Vasu (ed.). *Queer in Africa: LGBTQI Identities, Citizenship, and Activism*. London: Routledge, 2018. p. 114-131.

BEZERRA, Paulo. Breve glossário de alguns conceitos-chave. In: BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015. p. 243-249.

BÍBLIA: tradução ecumênica. Novo Testamento. *Evangelho segundo Mateus*. São Paulo: Loyola, 1994. p. 1856-1917.

DEROGATIS, Amy. Varieties of interpretations: Protestantism and Sexuality. In: MACHACEK, David W.; WILCOX, Melissa M. (ed.). *Sexuality and the World's Religions*. Santa Bárbara: ABC-CLIO, 2003. p. 233-253.

DORE, Amatesiro. The Day He Came. In: XABA, Makhosazana; MARTIN, Karen (ed.). *Queer Africa 2: new stories*. Braamfontein: MaThoko's Books, 2017. p. 47-58.

GASTALDI, Alexandre Bogas Fraga *et al.* *Observatório de mortes violentas de LGBTI+ no Brasil – 2020*: relatório. Florianópolis: Acontece Arte e Política LGBTI+, 2021. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2021/05/observatorio-de-mortes-violentas-de-lgbti-no-brasil-relatorio-2020.-acontece-lgbti-e-ggb.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.

HOMOSEXUALITY: Anglican Communion in Nigeria Affirms Rejection. *The Nation*, Lagos, 28 fev. 2021. Disponível em: <https://thenationonlineng.net/homosexuality-anglican-communion-in-nigeria-affirms-rejection/>. Acesso em: 11 jul. 2021.

HOMOSEXUALITY: the Countries Where it is Illegal to be Gay. *BBC News*, [s. l.], 12 maio 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-43822234>. Acesso em: 18 jul. 2021.

ILGA world updates state-sponsored homophobia report: “there’s progress in times of uncertainty”. *ILGA*, Geneva, 2020. Disponível em: <https://ilga.org/ilga-world-releases-state-sponsored-homophobia-December-2020-update>. Acesso em: 18 jul. 2021.

NASCIMENTO, Wanderson Flor. Às margens: notas escritas entre a filosofia e a sexualidade. *Revista Ártemis*: Estudos de gênero, feminismos e sexualidades, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 21-34, 2012.

NIGERIA. *Criminal Code Act*: laws of the Federation of Nigeria. Abuja: Presidência da República, 1990. Disponível em: <https://www.refworld.org/docid/49997ade1a.html>. Acesso em: 20 jun. 2021.

NIGERIA. *Same Sex Marriage (Prohibition) Act*. Abuja: National Assembly of the Federal Republic of Nigeria, 2013. Disponível em: <https://www.refworld.org/pdfid/52f4d9cc4.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.

RAMOS, Mozer de Miranda; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Effeminacy, hyper-masculinity and hierarchy. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 72, n. 1, p. 159-172, 2020.

RATELE, Kopano. Male Sexualities and Masculinities. In: TAMALE, Sylvia (ed.). *African Sexualities: a Reader*. Cape Town: Pambazuka Press, 2011. p. 399-419.

TAYWADITEP, Kittiwut Jod. Marginalization Among the Marginalized: Gay Men's Anti-Effeminacy Attitudes. *Journal of Homosexuality*, London, v. 42, n. 1, p. 1-28, 2002.

TIN, Louis-Georges (ed.). *The dictionary of homophobia: a Global History of Gay & Lesbian Experience*. Tradução de Marek Redburn, Alice Michaud e Kyle Mathers. Vancouver: Arsenal Pulp Press, 2008.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.

WALL, Anthony. *Os personagens na teoria de Bakhtin*. Tradução de Jorge Will Mendonça Jr. Odisseia, Natal, v. 4, n. 2, p. 1-20, 2019.

WILCOX, Melissa M. Innovation in Exile: Religion and Spirituality in Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Communities. In: MACHACEK, David W.; WILCOX, Melissa M. (ed.). *Sexuality and the World's Religions*. Santa Bárbara: ABC-CLIO, 2003. p. 325-357.